

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTOPENSAR
NOS APROXIMA

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Unimed

Parceria Cultural

HOSPITAL
MOINHOS DE VENTO

MARISTA

PUCRS institutocpfl

Empresa Parceira

SOUTO
CORREA

Giannetti, Lipovetsky e os paradoxos contemporâneos

ECONOMISTA BRASILEIRO E FILÓSOFO FRANCÊS dividiram o palco do Salão de Atos da UFRGS como parte da programação do Fronteiras do Pensamento

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

carlos.moreira@zerohora.com.br

Encruzilhadas e paradoxos contemporâneos foram o tema do debate entre o economista brasileiro Eduardo Giannetti e o filósofo francês Gilles Lipovetsky, na segunda-feira, no Salão de Atos da Universidade Federal do RS (UFRGS), como parte da programação do Fronteiras do Pensamento. Um choque interessante de ideias entre um Giannetti que diagnostica a atual crise como uma crise dos valores que formam o capitalismo, e que, portanto, devem ser alvo de experiências visando a alternativas, e entre um Lipovetsky que defende a educação como única maneira de redirecionar as prioridades em uma sociedade em que não se pode abrir mão da tecnologia e na qual não parece haver opção radical ao modelo capitalista em vigor.

Cada palestrante teve 20 minutos para desenvolver uma primeira apresentação de suas ideias sobre os paradoxos da sociedade de consumo. Mais tarde, ambos debateram em um encontro mediado pelo jornalista Roger Lerina. Lipovetsky falou primeiro, expondo, em essência, a tese principal de seu livro mais recente, *Da Leveza: Rumo a uma Civilização sem Peso* (Amarillys, 2017).

– A leveza não costuma ser um conceito analisado do ponto de vista econômico, mas, ao fim, espero ter tornado as conexões claras – disse.

Como Lipovetsky já defendeu em outro de seus livros, vivemos atualmente na “sociedade do hiperconsumo”, aquela na qual todas as principais experiências formadoras hoje foram monetizadas e se tornaram itens à venda:

– Se você precisava falar com alguém, antes você buscava na sua família ou entre seus amigos. Hoje, você marca hora no psicólogo. Para correr, as pessoas pagam mensalidade de academia.

Para ele, o hiperconsumo promove o elogio da leveza, da ligeireza, valorizando o consumo fácil, a diversão, o lazer, a possibilidade de adquirir coisas rapidamente, em vez de noções antigas que ajudaram a construir a sociedade, como a do sacrifício e a do trabalho árduo. Algo facilitado pela evolução tecnológica.

– As técnicas de informações facilitam o consumo non stop. Pelo computador, você pode comprar tudo.

No mundo da leveza da atual sociedade de consumo, diz Lipovetsky, está-se tentando comprar respostas à angústia gerada pela abundância de informações. Para ele, o resultado dessa ênfase no consumo como valor identitário provoca um paradoxo que está



no cerne do mal-estar contemporâneo: – Quanto mais a sociedade anda em direção à ligeireza do consumo, mais o cotidiano pesa em nossa existência. O carro, na origem, era algo que acelerava a vida e a tornava mais leve, mas se todo mundo compra um carro, você enfrenta o peso do engarrafamento.

ENCÍCLICA PAPAL É USADA NO DEBATE SOBRE O CONSUMISMO

Apesar das críticas ao modelo, Lipovetsky disse defender uma reforma, mas que não vê alternativa radical ao sistema. Pelo contrário. Segundo ele, as virtudes do capitalismo residem nos mesmos elementos responsáveis pela angústia contemporânea: liberdade de escolha, melhoria de padrão de vida e desenvolvimento tecnológico.

– A sociedade de hiperconsumo não vai parar por um simples chamado ao bom senso. Podem ocorrer bolsões de desenvolvimento sustentável. Ao mesmo tempo, economias em alta experimentam benefícios do crescimento, como a China, e, para elas, o apelo à redução do consumo soa fora da realidade.

Eduardo Giannetti, então, assumiu o palco e começou sua palestra referin-

do-se a um documento que, para ele, forneceu uma chave surpreendente para pensar a atual sociedade de consumo, a segunda encíclica publicada pelo atual Papa Francisco, *Laudato Si'*. Mais especificamente, Giannetti centrou-se na análise de uma frase em especial contida no texto do pontífice: “Os desertos externos estão crescendo porque os desertos internos se tornaram tão vastos”.

Ao falar dos “desertos externos”, Giannetti referiu-se a um dos dilemas que considera mais graves, a relação da sociedade humana com a natureza. Para ele, muitos dos problemas enfrentados hoje pela humanidade mostram os limites das promessas feitas pela tecnologia. O que leva a um novo paradoxo.

A tecnologia nasce prometendo facilitar a dominação do homem sobre o ambiente. E o paradoxo é que, quanto mais ele avança no assenhoreamento da natureza, mais arrisca a perder completamente o controle dela, em fenômenos como a possibilidade de uma crise hídrica planetária ou nos riscos da mudança climática já em andamento.

Para Giannetti, o modelo da sociedade de consumo é insustentável com os recursos naturais disponíveis. Os que

estão no topo da pirâmide de consumo querem manter seu padrão, os que estão no meio sonham com o padrão do topo, e os que sofrem na base querem ascender ao meio, no que ele chamou de uma “corrida armamentista do consumo”, em uma analogia com a clássica corrida por armamentos da geopolítica.

– Quando um país investe mais do que outro em capacidade militar, o segundo começa a se sentir inseguro e investe em conseguir uma equivalência, mas o primeiro investe mais ainda para manter a superioridade. E o paradoxo da corrida armamentista é que, quanto mais ambos investem em segurança, menos seguros se sentem no fim do processo. Ocorre algo parecido com o consumo hoje – disse Giannetti.

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio de Unimed Porto Alegre e Hospital Moínhos de Vento, parceria cultural PUCRS e Instituto CPFL, e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense, Souto Correa, Sulgás e Thyssenkrupp. Parceria institucional Unimed e apoio institucional Embaixada da França. Com promoção Grupo RBS, o evento teve a UFRGS como universidade parceira.

Para Lipovetsky, vivemos na “sociedade do hiperconsumo”. Giannetti (D) vê uma “corrida armamentista do consumo”